



Vol 5, Nº 13 (Diciembre/Dezembro 2012)

A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE NA INVESTIGAÇÃO EM TURISMO

Noémi Marujo ¹

Universidade de Évora/IGOT-CEG

noemi@uevora.pt

Resumo

Nas últimas décadas, o turismo passou por rápidas mudanças no enfoque da pesquisa. Essas mudanças estão especialmente relacionadas com duas questões: como investigamos e o que investigamos. Na área do turismo, como em todas as outras áreas, o investigador deve optar pelo método e técnicas de investigação que ele considera mais adequadas para o seu objeto de estudo.

O presente artigo pretende analisar a importância da técnica da 'observação participante' para os estudos do turismo. Usou-se como suporte metodológico a revisão bibliográfica e recorreu-se a alguns estudos práticos para ilustrar o papel deste método de recolha de dados na investigação em turismo.

Palavras-Chave: Turismo, Investigação, Observação Participante, Modelos de Observação, Turistas.

Abstract

In recent decades, tourism has undergone rapid changes in the focus of research. These changes are especially related to two issues: how to investigate and what to investigate. In tourism, as in all other areas, the investigator must choose the method and research techniques that he considers most appropriate for their theme study.

This paper analyzes the importance of the technique 'participant observation' for tourism studies. The author used as methodology bibliographic review and used a few practical studies to illustrate the role of this method of data collection in tourism research.

Keywords: Tourism, Research, Participant Observation, Observation Models, Tourists.

¹ Doutorada em Turismo, Mestre em Sociologia, Licenciada em Comunicação Social e Diplomada em Estudos Avançados em Turismo, Lazer e Cultura (Ramo Turismo e Desenvolvimento). Professora do Curso de Turismo da Universidade de Évora (Portugal).

1-Introdução

O turismo é um fenómeno social complexo com capacidade para produzir mudanças sociais profundas em diversas sociedades. Por isso, não é possível entender o turismo e a investigação social fora das sociedades modernas e tão pouco se podem conceber as sociedades modernas sem o turismo e a investigação social (Brito, 2007). A complexidade do fenómeno turístico faz com que ele seja baseado em interações e inter-relações. Observar e analisar o fenómeno para compreendê-lo constitui um fator essencial para obter conhecimento sobre o turismo.

A pesquisa em turismo abrange, atualmente, uma multiplicidade de áreas temáticas, mas o conhecimento acerca das suas características, evolução ou intervenientes permanece limitado (Santos e Costa, 2010). De facto, “um grande esforço de investigação está a ser conduzido no turismo, mas é utilizado de forma ineficaz e raramente explorado em todo o seu potencial” (Ritchie e Ritchie, 2002: 451).

Para Silva (2004), há essencialmente três factores que ajudam a explicar o atraso do turismo. O primeiro factor está associado às limitações que dificultam a investigação na quase totalidade das ciências sociais e, por isso, o turismo como ciência social tem mostrado alguma dificuldade em alcançar um certo rigor e estatuto científico. Para que isso aconteça torna-se necessário “credibilizar os processos analíticos, através de um conveniente controlo e de um sistemático contrastar dos resultados obtidos” (Silva, 2004: 11). O segundo factor está relacionado com a popularidade de formas primárias de conhecimento no campo do turismo. Aqui verifica-se que “hoje o conhecimento do turismo é construído através de uma variedade de meios. Alguns dos meios são mais exigentes do que outros. Alguns foram mais populares do que outros” (Gunn, 1994: 4). O terceiro factor baseia-se na “incompreensão da real complexidade do turismo” (Silva, 2004: 11). O autor refere que dada a multiplicidade dos elementos que constituem o turismo, os problemas não podem ser solucionados recorrendo-se a um único método de pesquisa.

Nas fases de uma investigação em turismo, e de acordo com a natureza do objeto de estudo, o investigador deve seguir a abordagem que considera mais apropriada para a sua pesquisa. Sublinhe-se que no campo do turismo, a pesquisa qualitativa e quantitativa podem ser apropriadas em diferentes etapas do processo de investigação. Estas duas abordagens envolvem diferentes métodos de pesquisa, mas a sua aplicação no turismo pode ser complementar dado que cada uma delas pode acrescentar informações ao quadro geral de uma investigação. Por outro lado, a técnica que será empregue, em cada pesquisa, dependerá especialmente do problema que está a ser investigado e dos objetivos que o investigador quer atingir (Dencker, 2000).

O presente artigo pretende analisar a importância da técnica da ‘observação participante’ para os estudos do turismo. Usou-se como suporte metodológico a revisão

bibliográfica e recorreu-se a alguns estudos práticos para ilustrar o papel deste método de recolha de dados na investigação turística.

2-Observação em Turismo

A observação na investigação tem como principal objetivo produzir uma descrição adequada sobre a análise que o investigador pretende realizar. É, portanto, um acontecimento natural da vida quotidiana (Sousa, 2005). No campo do turismo, a observação permite realizar registos de acontecimentos, atitudes e comportamentos, no seu contexto próprio, sem modificar a sua naturalidade. Refira-se que as formas de observação que são utilizadas nas investigações dependem fundamentalmente “dos objetivos que se pretendem atingir e variam em grau de formalidade e rigorosidade, conforme o que se pretende observar” (Sousa, 2005: 109).

A observação em turismo complementa outras técnicas de investigação, ajuda a gerar teorias e ideias para novas pesquisas e a validar os resultados já existentes (Altinay e Paraskevas, 2008). “Envolve a coleta de impressões sobre o mundo usando todos os sentidos, especialmente o olhar e o ouvir, de uma forma sistemática e propositada para aprender sobre um fenómeno de interesse” (McKechnie, 2008: 573). A observação pode ser definida, segundo Black e Champion, “como o processo de olhar e ouvir o comportamento e as opiniões de outras pessoas num período temporal sem as controlar ou manipular, anotando as descobertas de modo a permitir algum grau de interpretação analítica” (Pizam, 1994: 99).

Piette (1996) desenvolveu uma reflexão sobre os modelos de observação baseados na relação entre ‘escala de observação’ e escolas de ‘tradição teórica’, onde apresentou quatro modelos de observação: observação da cultura ou modelo etnológico de observação; observação da interação; observação dos gestos; observação ou atenção ao detalhe. “A cada um desses modelos de observação corresponde uma coerência lógica ligando dimensões epistemológicas, teóricas e metodológicas” (Piette, 1996: 42). O autor atesta que para a caracterização destes modelos torna-se necessário saber que toda a observação é condicionada pela forma como o observador escolhe ‘olhar’ e ‘analisar’, pela tradição intelectual na qual participa e se situa e, também, pelas ideias teóricas que o influenciam.

Piette (1996) argumenta que os três primeiros modelos atuam em diferentes parâmetros: mobilidade ou fixação do olhar, distância física entre observador e o objeto selecionado, presença ou ausência de um efeito de perspectiva, alargamento ou restrição do campo de visão. Portanto, e segundo o autor, há diferentes tipos de olhar centrados na globalidade cultural, na pertinência interaccional e nos elementos gestuais. Mas, “cada um destes olhares pode especular uma observação interfocal permitindo uma oscilação visual do geral ao detalhe” (Piette, 1996: 141). Por isso, torna-se necessário um quarto modelo ‘observação ou atenção em detalhe’.

O modelo de ‘observação da cultura ou etnológico’ consiste na reflexão de uma produção indutiva de dados científicos compreendendo sucessivamente a coleta objetiva dos

factos, a análise dos documentos e a pesquisa dos seus significados (Ribeiro, 2003). Neste caso, o investigador observa, descreve e interpreta ações dentro de um grupo específico. Assim, o modelo de observação da cultura ou etnológico “visa delimitar a singularidade de uma cultura e multiplica, segundo um olhar explorador sempre móvel, observações à distância com a perspetiva global que permite ver, de cada vez, um vasto campo de situações” (Piette, 1996: 140).

O modelo de ‘observação da interação’ é, usualmente, realizado em situações geograficamente próximas ou não da cultura do investigador. O modelo de observação da interação é caracterizado por uma relação cara a cara entre o observador/investigador e as pessoas observadas (turistas e/ou anfitriões). Assim, a observação das interações pode ser entendida como “um encontro social construído de conversas e jogos de olhares. Os métodos de trabalho do observador são os da vida quotidiana e os de interação vulgar do dia-a-dia” (Ribeiro, 2003: 208).

O modelo de ‘observação dos gestos’ centra a sua investigação na gesticulação dos indivíduos em interação. No caso do turismo pode ser aplicado, por exemplo, nos gestos, posturas e movimentos dos turistas perante determinadas situações. Pode ainda visar a observação dos detalhes gestuais de uma interação entre turistas e anfitriões.

O modelo de ‘observação ou atenção ao detalhe’ baseia-se na prática de observação da cultura e da interação, dado que as considera como referência. Ou seja, é fundamental “focalizar a observação dos elementos não típicos da cultura e não pertinentes à interação, isto é, os detalhes particulares não conectados (...) Embora possam ser consideradas coisas sem importância, estes detalhes ou pormenores tornam-se essenciais” (Ribeiro, 2003: 210).

No campo da pesquisa em turismo, a técnica da observação tem vindo a aumentar e é usada especialmente pelos antropólogos que procuram estudar o comportamento dos turistas ou as reações das comunidades anfitriãs sobre o fenómeno turístico (Pizam, 1994). A observação “permite que um investigador estude comportamentos que têm lugar em diversas situações” (Karmanov, 2008: 23).

2.1-Observação Participante em Turismo

Para os cientistas sociais, a observação participante é um método no qual o investigador participa nas atividades diárias, nos rituais, nas interações e nos acontecimentos de um grupo de pessoas como um dos meios de aprendizagem dos aspetos implícitos e explícitos da sua vida rotineira e da sua cultura (DeWalt e DeWalt, 2002). Tal como outros métodos de observação, ela prima pela possibilidade de ter uma compreensão profunda de uma situação no seu contexto natural ou social habitual, e em especial por fornecer um sentido do que se designa pela ‘visão interna’ dessa situação e contexto (Belsky, 2004). “É o método mais adequado quando a pesquisa se preocupa com os significados humanos e as interações da perspetiva *emic*, especialmente quando existem importantes diferenças entre as visões internas e externas” (Cole, 2005: 64).

A observação participante compreende a participação plena possível na vida daqueles que estão a ser estudados para compartilhar as suas experiências. O investigador, neste caso, fica perto do foco da pesquisa e envolve-se na sociedade ou cultura em estudo (Finn *et al*, 2000). O investigador observa os outros de acordo com as suas lógicas culturais e, depois, confronta essas observações com teorias, hipóteses, ideias e conceitos sobre o problema que está a ser estudado (Pereiro, 2010).

A observação participante oferece algumas vantagens para a pesquisa em turismo: melhora a qualidade dos dados obtidos durante o trabalho de campo; melhora a qualidade da interpretação dos dados; estimula a formulação de novas questões de investigação e hipóteses baseadas na cena observada (DeWalt e DeWalt, 2002). Assim, “através da observação participante é possível descrever o que acontece, quem ou o que está envolvido, quando e onde as coisas acontecem, como elas ocorrem, e porque – pelo menos do ponto de vista dos participantes – as coisas acontecem em situações particulares” (Jorgensen, 1989: 12). Para este autor, a metodologia da observação participante é excepcional para estudar os processos, as relações entre as pessoas e eventos, as continuidades ao longo do tempo e padrões, bem como o contexto sociocultural imediato no qual a existência humana se desenrola.

Segundo Jennings (2010), a observação participante analisa interações e comportamentos em situações do mundo real, e permite ao investigador tornar-se ciente de como os participantes constroem e descrevem o seu mundo. A aplicação desta técnica apresenta pontos fortes, tais como: o desempenho de um papel de participante ou papéis que envolve o estabelecimento e manutenção das relações com os nativos no campo; uma forma de teoria e teorização salientando a interpretação e compreensão da existência humana; localização no aqui e agora das situações da vida quotidiana; um interesse especial na interação e significado humano (Jorgensen, 1989).

A observação participante é uma “ferramenta valiosa para o investigador do turismo...” (Hannam e Knox, 2010: 181). Mas, este método envolve mais do que apenas observar uma atração turística ou participar num festival durante o qual o investigador faz observações e recolha de dados (Smith, 2010). A observação participante compreende o trabalho de campo intensivo no qual o investigador está imerso na cultura em estudo (Patton, 2002). Ou seja, “...a observação significa a concentração da nossa atenção sobre o objeto de estudo e o carácter participante traduz-se pelo envolvimento ativo em todos os acontecimentos sociais relacionados com a unidade de análise (grupo, família, território, rua, instituição, bando, etc.) que a nossa investigação definiu (Ramos, 2004: 25). Para este autor, a observação participante só se concretiza mediante uma relação privilegiada com os designados informantes, ou seja, com os indivíduos pertencentes à comunidade ou ao grupo estudado, com quem o investigador mantém uma relação de proximidade, confiança e até amizade. “São eles que fornecem informação útil, que revelam o seu pensamento...que podem colaborar na pesquisa” (Ramos, 2004: 28).

No campo da observação participante, Gold (1958) refere que o investigador pode adotar quatro papéis: participação completa; o participante-observador; o observador-

participante; o observador. Na 'participação completa', a identidade e o propósito do investigador não são conhecidos por aqueles que ele observa. Ele interage com os indivíduos que observa o mais naturalmente possível. Na função de 'participante-observador' tanto o investigador como o informante estão conscientes da relação, ou seja, o papel do observador é tornado público. "Esta consciência mútua tende a minimizar os problemas de papel fingido" (Gold, 1958: 220). O papel de 'observador-participante' envolve situações em que o investigador participa enquanto, ao mesmo tempo, observa e desenvolve relações com os seus informantes. Ou seja, o investigador participa para obter informação e o observado permanece alheio ao processo de pesquisa. Por último, e enquanto 'observador', o investigador não mantém qualquer interação com os informantes. Limita-se, apenas, a presenciar os factos. Sublinhe-se que as oportunidades de participação aumentam à medida que o investigador fomenta uma rede social nos locais da sua pesquisa (Ribeiro, 2003).

A observação participante tem sido um método muito útil no campo da etnografia do turismo (Decrop, 1999). Smith (1992), Geenwood (1992) e Chambers (2000) constituem alguns dos autores que aplicaram a referida técnica na área da etnografia do turismo. "No campo da pesquisa turística o método da observação...é principalmente usado pelos antropólogos que estudam o comportamento dos turistas ou as reações da comunidade local sobre o fenómeno do turismo" (Malhotra, 1997: 278). De facto, a partir do momento em que os antropólogos começaram a dedicar um maior interesse aos estudos do turismo, o uso desta técnica adquiriu uma maior popularidade neste campo. Mas não é somente na área da etnografia turística que a observação participante tem sido usada.

Na área do lazer e do turismo, os elementos da observação participante são comuns em muitos tipos de investigação (Veal, 2006). Bowen (2002), por exemplo, atesta que a observação participante é uma ferramenta excepcional para estudar as relações entre as pessoas e acontecimentos, bem como a existência de contextos socioculturais. O autor mediu a satisfação/insatisfação do turista através desta técnica e concluiu que o método da observação participante surge como uma nova abordagem para "ultrapassar o défice do conhecimento" que existe sobre esta temática (Bowen, 2002: 14). O autor atesta que, no caso do seu estudo, a observação participante gerou uma enorme quantidade de dados analíticos e descritivos que, mais tarde, foram transformados numa série de modelos de interpretação da satisfação/insatisfação do turista.

Seaton e Bennett (1996) argumentam, também, que a observação participante pode ser associada a outras técnicas de pesquisa para validar a satisfação do visitante ou a qualidade do serviço de hospitalidade. Marujo (2012) estudou, através da observação participante, a interação social entre turistas e anfitriões em duas festas na Ilha da Madeira e concluiu que esta técnica é um instrumento fundamental para descrever e analisar as relações que se estabelecem entre ambos, as relações entre turistas de diferentes nacionalidades ou, ainda, as diferentes formas de comportamento dos turistas e/ou residentes perante determinadas atrações culturais de uma festa. Dados, que segundo a autora, não é possível obter cabalmente através do inquérito por questionário e da técnica da entrevista.

O referido método também é útil para registrar elementos-chave da experiência de um evento (Carlsen, 2006). Ou seja, segundo este autor, a observação participante pode ser útil para registrar se os visitantes estão num estado de expectativa, excitação, envolvimento ativo ou aborrecimento, durante diferentes pontos da programação ou períodos do dia. Nos eventos culturais, as principais vantagens da observação direta e participante são: um método discreto que não interfere na diversão dos visitantes; simula e regista a experiência efetiva do visitante do evento; pode servir para aumentar os resultados de outras pesquisas com os visitantes e possibilitar a triangulação de dados (Carlsen, 2006). Assim sendo, “a observação participante preocupa-se com os significados e as interações vistas numa perspetiva émica. Este acesso ao contexto na qual a experiência do turista tem lugar permite compreender uma rica e multi-sensual natureza, permitindo o conhecimento direto com as múltiplas realidades do consumidor no lugar” (Selby, 2004: 180). De facto, o uso da técnica da observação participante é uma ferramenta essencial para quem pretende estudar, analisar e compreender os elementos essenciais da cultura e da estrutura social de comunidades, instituições, grupos e organizações (Ramos, 2004). Assim, e no caso do turismo, a observação participante pode servir para defender ou refutar ideias acerca do comportamento dos turistas ou dos anfitriões. Pode também ser usada para suscitar questões que podem ser utilizadas em futuras pesquisas no turismo.

A característica diferencial da observação, em relação às outras técnicas, consiste na inserção do observador no grupo observado, o que permite uma análise global e intensiva do objeto de estudo (Almeida e Pinto, 1995). Ou seja, “o observador participante reúne dados porque participa na vida quotidiana do grupo ou da organização que estuda. Ele observa as pessoas que estuda de forma a ver em que situações se encontram e como se comportam nelas. Ele estabelece conversa com alguns ou todos os participantes nestas situações e descobre a interpretação que eles dão aos acontecimentos que observa” (Becker, 1958: 652). Portanto, a observação participante é uma técnica de investigação qualitativa adequada ao investigador que deseja compreender um meio social que, à partida, lhe é estranho e que lhe vai permitir integrar-se nas atividades das pessoas que nele vivem (Lessard-Hébert *et al*, 2005). Trata-se de uma técnica que se diferencia de muitas outras porque requer: a) uma imersão do investigador no âmbito da convivência quotidiana das pessoas que quer observar; b) a participação mais ou menos teatralizada do investigador na vida quotidiana daqueles que observa; c) a utilização simultânea de múltiplas técnicas ou práticas de obtenção de informação e análise; d) reflexão dialética constante e compreensiva com o observado para poder deduzir dos resultados que vai obtendo os novos caminhos e métodos de busca de informação que deve eleger para continuar (Rojas, 2007). Em síntese, “a investigação participante depende da formação e experiência do investigador, mas também do rigor e do seu compromisso e envolvimento com os assuntos que estão a ser estudados” (Pereiro, 2010: 178).

3-Conclusão

A observação em turismo significa, sobretudo, que o investigador concentre a sua atenção sobre o objeto de estudo que pretende analisar. Por outro lado, a observação participante traduz-se pelo envolvimento ativo do investigador em todos os acontecimentos sociais e culturais possíveis, relacionados com a unidade de análise (território, espaço turístico, grupo de turistas, turista, residente, etc.) que definiu para a sua pesquisa.

Nos estudos em turismo, o investigador pode ter um papel ativo e/ou passivo na sua pesquisa. No processo da sua investigação ele conta com observações diretas, com o diálogo entre diferentes atores do turismo e, ainda, com as suas próprias vivências. A técnica da observação participante aprofunda o estudo da singularidade de uma cultura, da interação entre os diversos atores do turismo e das diversas formas comportamentais que turistas e/ou residentes podem apresentar em várias situações.

Este método de investigação exige que o investigador desempenhe um papel ativo no grupo ou comunidade que vai estudar. Saliente-se, no entanto, que a técnica da observação participante apresenta algumas lacunas e, por isso, deve ser complementada com a utilização de entrevistas formais ou informais, e eventualmente com inquéritos por questionário.

Bibliografia

ALMEIDA, J. e PINTO, J. (1995). *A investigação nas ciências sociais*. Lisboa: Presença.

ALTINAY, L. e PARASKEVAS, A. (2008). *Planning Research in Hospitality and Tourism*. Amsterdam: Butterworth-Heinemann.

BECKER, R. (1958) "Problems of inference and proof in Participant Observation. *American Sociological Review*, Vol.23, N.º 6 pp.652-60.

BELSKY, J. (2004). "Contributions of qualitative research to understanding the politics of community ecotourism". In PHILLIMORE, J. e GOODSON, L. (Eds.), *Qualitative Research in Tourism: ontologies, epistemologies and methodologies*. London and New York: Routledge.

BOWEN, D. (2001). "Antecedents of consumer satisfaction and dissatisfaction (CS/D) on Long-Haul inclusive tours: a reality check on theoretical considerations". *Tourism Management*. Vol. 22, N.1, pp.49–61.

BOWEN, D. (2002). "Research through participant observation in tourism: A Creative Solution to the Measurement of Consumer Satisfaction/Dissatisfaction (CS/D) among Tourists". *Journal of Travel Research*. Vol. 41, N. 1, pp. 4-14.

BRITO, J. (Coord.) (2007). *La investigación social del turismo*. Madrid: Thomson.

CARLSEN, J. (2006). "A economia e a avaliação de festivais e eventos". In, YEOMAN, I. *et al* (Eds.), *Gestão de festivais e eventos: uma perspectiva internacional de artes e cultura*. São Paulo: Roca.

CHAMBERS, E. (2000). *Native Tours: the anthropology of travel and tourism*. Illinois: Waveland Press.

- COLE, S. (2005). "Action Ethnography: Using Participant Observation". In RITCHIE, B. *et al* (Eds.), *Tourism research methods: integrating theory with practice*. London: CABI Publishing.
- DECROP, A. (1999). "Qualitative research methods for the study of tourist behavior". In Pizam, A. and Mansfield, Y. (Eds). *Consumer behavior in Travel and tourism*. New York: The Haworth Hospitality Press.
- DENCKER, A. (2000). Métodos e técnicas de pesquisa em Turismo. 4.^a Ed., São Paulo: Futura
- DEWALT, K. e DEWALT, B. (2002). Participant observation: a guide for fieldworkers. Walnut, Creek, CA: Altamira Press.
- FINN, M. *et al* (2000). *Tourism & leisure research methods: data collection, analysis and interpretation*. London: Pearson Education.
- GREENWOOD, D. (1992). "La cultura al peso: perspectiva antropológica del turismo en tanto proceso de mercantilización cultural". In SMITH, V. (Ed.), *Anfitriones e Invitados: Antropología del turismo*. Madrid: Ediciones Endymion.
- GOLD, R. (1958). "Roles in Sociological Field observation". *Social Forces*, Vol. 36, N.º 3, pp. 217-223.
- GUNN, C. (1994). "A perspective on the purpose and nature of tourism research methods". In Ritchie, J. e Goeldner, C. (Eds.), *Travel, Tourism and Hospitality Research: a Handbook for Managers and Researchers*. Milton: John Wiley & Sons Australia.
- HANNAM, K. e KNOX, D. (2010). *Understanding tourism: a critical introduction*. London: Sage Publications
- JENNINGS, G. (2010). *Tourism research*. 2.^a Ed., Milton: John Wiley & Sons Australia.
- JORGENSEN, D. (1989). *Participant observation: a methodology for human studies*. London: Sage Publications.
- KARMANOV, D. (2008). "Research Methods in Landscape Perception and Experience". In HANN, H. e DUIM, R. (Eds). *Landscape, Leisure and Tourism: Socio-Spatial Studies in Experiences, Practices and Policies*. Delft: Eburon.
- LESSARD-HÉBET, M. *et al* (2005). *Investigação qualitativa. Fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- MALHOTRA, R. (1997). *Encyclopedia of hotel management and tourism*. New Delhi: Anmol Publications Pvt.
- MARUJO, N (2012). *Turismo, Turistas e Eventos: O Caso da Ilha da Madeira*. Dissertação de Doutoramento em Turismo, Universidade de Évora.
- MCKECHNIE, L. (2008). "Observational Research". In GIVEN, L. (Ed.), *The Sage Encyclopedia of Qualitative Research Methods*. Los Angeles and London: Sage Publications.
- PATTON, M. (2002). *Qualitative evaluation and research methods*. 3.^a Ed., Thousands Oaks, California: Sage Publications.
- PEREIRO, X. (2010). "Ethnographic Research on Cultural Tourism: an Anthropological View". In RICHARDS, G. e MUNSTERS, W. (Eds.). *Cultural tourism research methods*. Wallingford: Cab International.

- PIETTE, A. (1996). *Ethnographie de l'action: l'observation des details*. Paris: Métailié
- PIZAM, A. (1994). "Planning a tourism research investigation". In RITCHIE, J. e GOLEDNER, C. (Eds.), *Travel Tourism and Hospitality Research: a Handbook for Managers and Researchers*. 2ª Ed., New York: John Wiley & Sons.
- RAMOS, F. (2004). *Etnografia geral portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- RIBEIRO, J. (2003). *Métodos e Técnicas de Investigação em Antropologia*. Lisboa: Universidade Aberta.
- RITCHIE, R. e RITCHIE, J. (2002). "A framework for an industry supported destination marketing information system". *Tourism Management*. Vol. 23, pp. 439-454.
- ROJAS, B. (2007). *Investigación cualitativa: fundamentos y praxis*. Caracas: UPEL.
- SANTOS, J. e COSTA, C. (2010). "O estado da arte da investigação em turismo em Portugal". *Revista Turismo e Desenvolvimento*. Vol. 1, N. 13/14, pp. 329-341.
- SEATON, A. e BENNETT, M. (1996). *Marketing Tourism Products: concepts, issues and cases*. London: Thomson.
- SELBY, M. (2004). *Understanding urban tourism. Image, culture and experience*. London, New York: I.B.Tauris.
- SILVA, A. (2004). "A investigação científica e o turismo". *Revista Turismo e Desenvolvimento*. N. 1, Vol. 1, pp. 9-14.
- SMITH, S. (2010). *Practical tourism research*. Wallingford: Cabi International.
- SMITH, V. (1992). "Introducción". In SMITH, V. (Ed.). *Anfitriones e Invitados: Antropología del turismo*. Madrid: Ediciones Endymion.
- SOUSA, A. (2005). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.
- VEAL, A. (2006). *Research methods for leisure and tourism: a practical guide*. 3.ª Ed., London: Pearson Education.